



CHARGE DA SEMANA



André Pomponet

O falso dilema entre educação e segurança pública

André Pomponet - 29 de junho de 2018 | 17h 33

Feira de Santana está atravessando a década mais violenta de sua História. Já faz tempo que o número de assassinatos superou o do decênio passado, que tinha sido o mais sangrento até então. Não é à toa que o município se sobressai nesses tristes rankings da violência, divulgados por instituições governamentais e por organismos internacionais. O Brasil enfrenta epidemia similar – ano passado aconteceram mais de 60 mil assassinatos, um recorde mundial – e, o que é mais desolador, o debate sobre o tema é pouco alentador.

Há, inclusive, sinais inquietantes de que a Segurança Pública se tornou objeto de ações espetaculosas, demagógicas. É o caso da intervenção federal no Rio de Janeiro que, quatro meses depois, apresenta resultados pífios, conforme era facilmente previsível. Movido pela ilusão de uma candidatura presidencial, Michel Temer (MDB-SP), o mandatário de Tietê, adotou a medida, pensando nos eventuais bônus eleitorais.

Há poucos dias, às pressas, o Congresso Nacional aprovou o projeto que institui o Sistema Único de Segurança Pública, movido pelo apelo do tema e pelas eleições que se aproximam. No papel, parece algo avançado: a União assume a incumbência de coordenar as ações na área, em nível nacional, firmando parcerias com Estados e Municípios. Na prática – dado o clima político e o ritmo moroso das ações – ninguém deve comemorar antecipadamente.

Em meio a essas ações voluntaristas, há a desconfortável discussão dos pré-candidatos à Presidência da República. Alguns, ambíguos, tangenciam o tema. Mas há aqueles que se perfilam na linha de frente da questão – e defendem rearmamento, endurecimento da legislação penal, carta branca para as polícias saírem matando – e fazem sucesso defendendo a violência para reduzir a violência.

E a educação?

Noutra frente, o mandatário de Tietê vem reduzindo recursos da Educação para, supostamente, reforçar o orçamento da segurança. Até um Ministério da Segurança criaram – mais um penduricalho que beneficiará aliados políticos – para, demagogicamente, atender a pretensos apelos populares. Tudo indica que é mais uma iniciativa perdulária e inócua, similar à intervenção federal no Rio de Janeiro.

Conter o genocídio em curso no Brasil exige mais do que comprar viaturas, coletes, munição, armamento, pagar premiação a policial e fazer concurso todo ano. Também exige mais que a farta propaganda que vende uma realidade que, na prática, ninguém enxerga. Afinal, a vida verdadeira se mostra muito mais dura que os adocicados clichês dos marqueteiros.

COLUNISTAS

**César Oliveira**

Lagoa Grande está sendo gradeada

STF: suicida e perigoso

**André Pomponet**

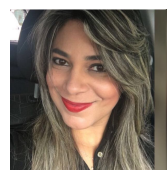
O falso dilema entre educação e segurança pública

Composições eleitorais caminham para definição

**Valdomiro Silva**

Fase de grupos do Mun Croácia como sensação grande surpresa

Flu quebra recordes e busca primeiro lugar

**Emanuela Sampaio**

Anaci Paim toma posse governadora no Rotary

Ozana faz aniversário e sede da empresa

AS MAIS LIDAS HOJE

1



Lagoa Grande está sendo gradeada

2

Adolescente é apreendido durante tentativa de homicídio e confessa à polícia ter matado pessoas em 4 meses na BA

3

Câmara divulga balanço de atividades em primeiro semestre

Não se ouvem comentários dos governantes sobre investir em educação para os mais pobres – principais vítimas dos assassinatos, conforme qualquer levantamento atesta – e em iniciativas de inclusão social que beneficiem, sobretudo, os jovens que vivem por aí sem perspectiva. Pelo contrário: o mantra do momento são os cortes, os contingenciamentos, as supressões.

Caminho árduo

A partir do momento em que veio o garrote da crise, os pobres foram os primeiros penalizados. Os cortes na educação, na saúde, na assistência social, em ações de inclusão, foram vorazes, como sempre. Só que, agora, surge a necessidade de ampliar recursos da segurança pública – farejando-se a direção do barômetro eleitoral – e remaneja-se, obviamente, o dinheiro que costuma contribuir para elevar um pouco a qualidade de vida do pobre.

Isso significa que se estabeleceu um dilema perigoso: investir na segurança pública ou em áreas sociais, como a educação? Pelo que se percebe, a opção – ideológica, inclusive – é clara: os pobres que se virem, porque a prioridade é atender os apelos da classe média. Abandona-se, assim, de vez, a busca por soluções integradas, já que violência não é, exclusivamente, um problema de segurança pública.

O que esperar do futuro próximo? Provavelmente o endurecimento que alguns defendem. Virão mais prisões, mais mortes, mais violência, mais exclusão e mais cisão na já fraturada sociedade brasileira. Mas isso ainda depende das urnas, do processo eleitoral em outubro. A esperança é tênue, mas, quem sabe, esse cenário se desfaça até lá e o País comece a reencontrar seu rumo...

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Composições eleitorais na Bahia
caminham para definições

Após chacinas, tensão dominou a
segunda-feira

Final de semana mais sangrento da
História de Feira

4 CHARGE DO BOREGA

5 **Ciro recua e solicita a Neto lista de pes
pedir desculpas**



[INÍCIO](#) [O TRIBUNA](#) [ANUNCIE AQUI](#) [EDIÇÃO IMPRESSA](#) [VOCÊ NO TRIBUNA](#) [FALE CONOSCO](#)

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
[@tribunafeirense](#)

Tribuna Feirense © 2018. Todos os direitos reservados

